

EDITORIAL

Quid est veritas? A Pergunta de Pilatos**Quid est veritas? Pilate's Question**ID **Filipe Palavra** ^{1,2,3,*}

1-Centro de Desenvolvimento da Criança – Neuropediatria, Hospital Pediátrico, Unidade Local de Saúde de Coimbra, Coimbra, Portugal

2-Laboratório de Farmacologia e Terapêutica Experimental, Instituto de Investigação Clínica e Biomédica de Coimbra (iCBR), Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

3-Centro Académico Clínico de Coimbra, Coimbra, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.46531/sinapse/AP/191/2025>

O detalhe com que o evangelista João descreve o julgamento de Jesus Cristo por Pôncio Pilatos é deveras tocante. Não somente numa perspectiva doutrinária, mas muito pela Humanidade da palavra trocada entre a Divindade (Jesus) e um homem encurralado pelo preço do poder arbitrário (Pilatos) exercido sobre o povo judeu, em si mesmo encolerizado pelo peso do jugo romano. Quando Pilatos pergunta a Jesus se é Rei, é sobejamente conhecida a resposta, que termina com um dos mais belos aforismos da paixão de Cristo: “Todo aquele que é da Verdade ouve a minha voz.”. A isto, Pilatos reage com nova pergunta: “Que é a verdade?” (*Quid est veritas?*, em latim). Pilatos não espera por uma resposta. Aliás, não ouve nenhuma resposta de Jesus Cristo e apressa-se a comunicar aos judeus que não encontra nele culpa alguma, situação a que o povo reage clamando pela libertação de Barrabás, o salteador.

“Que é a verdade?” é uma pergunta incômoda. Aliás, o evangelista nem sequer relata uma tentativa de resposta por parte de Jesus Cristo, que seguramente estaria na posse de conhecimento que permitisse uma formulação clarificadora e categórica. A interrogação fica no ar, como um redondo e vazio vocábulo, ensurdecendo pelo silêncio da ausência de resposta... Dir-se-á que é uma pergunta filosófica ou existencial. Mas também política e até mesmo neurocientífica. E, por isso, perfeitamente actual.

De um ponto de vista neurológico, a verdade é percebida de forma subjectiva. O sistema nervoso percepção, interpreta, filtra e organiza informações constantemente, fazendo com que memórias, emoções e preconceitos moldem a forma como percebemos o que nos rodeia. O que se considera verdadeiro é, em grande medida, uma construção neural, dependente das experiências e interpretações individuais, havendo, portanto, muito de autobiográfico subjacente ao conceito de verdade.

Na esfera política, esta situação torna-se ainda mais complexa. Líderes, cidadãos e instituições lidam com “narrativas” e “percepções”, nem sempre alinhadas com os factos que, objectivamente, vão ocorrendo. O dia-a-dia tem-nos mostrado manipulações mais ou menos grosseiras (e mais ou menos ridículas...) apenas com fins estratégicos, sejam eles quais forem. Naturalmente, surge a necessidade de questionar até que ponto a verdade, em termos éticos, é negociável, quando confrontada com interesses de poder, estejam ou não instalados. A pergunta de Pilatos é, neste contexto, particularmente inquietante, lembrando que o poder não é sinónimo de verdade.

Já na ciência, em termos epistemológicos, a verdade pode ser considerada um alvo dinâmico. Diferente da subjectividade do cérebro ou da instrumentalização da política, a ciência procura aproximar-se da realidade através da observação, da experimentação e da revisão contínua do conhecimento. Ainda assim, mesmo numa perspectiva puramente científica, a verdade deve ser

Informações/Informations:

Editorial, publicado em Sinapse, Volume 25, Número 3, julho-setembro 2025. Versão eletrónica em www.sinapse.pt; Editorial, published in Sinapse, Volume 25, Number 3, July-September 2025. Electronic version in www.sinapse.pt
© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Sinapse 2025. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial.
© Author(s) (or their employer(s)) and Sinapse 2025. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

Palavras-chave:

Neurologia;
Relativismo Ético.

Keywords:

Ethical Relativism;
Neurology.

***Autor Correspondente / Corresponding Author:**

Filipe Palavra
Centro de Desenvolvimento da Criança – Neuropediatria
Hospital Pediátrico
Avenida Afonso Romão
3000-602 Coimbra, Portugal
filipepalavra@gmail.com

Recebido / Received: 2025-09-27

Aceite / Accepted: 2025-09-28

Publicado / Published: 2023-09-30

encarada como provisória, sempre sujeita a novas evidências e interpretações. Esta falsificabilidade como critério está na base do pensamento de Karl Popper, que muito influencia o modo como edificamos o conhecimento científico, hoje em dia: partindo de hipóteses mais ou menos arrojadas, a ciência permite refutá-las (ou não), aproximando-se progressivamente da realidade, com recurso a uma dedução constante. Nesta perspectiva, não caberia à ciência provar a verdade, mas tentar refutar as suas próprias teorias, apenas subsistindo as que têm robustez para resistir ao seu contraditório. O método científico radica neste esforço consciente para reduzir o enviesamento, aproximando-se a um entendimento mais sólido do mundo.

Entre neurónios, narrativas e experiências, a pergunta “Que é a verdade?” permanece aberta. Talvez a resposta não seja única, mas plural: a verdade existirá na intersecção entre a percepção humana, os limites do poder e o compromisso rigoroso da investigação científica. Pilatos, inadvertidamente, lança um desafio que ecoa até aos dias de hoje: compreender a verdade exige coragem, reflexão e disposição para enfrentar

a complexidade do conhecimento. Reduzi-lo a algo simplista (e mesmo simplório) é um insulto a uma sociedade que se pretende desenvolvida e instruída. Só um exemplo: se o autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 por Leo Kanner e o paracetamol introduzido no mercado norte-americano em 1955, não será lícito pensar que o último não pode ser a causa do primeiro? Nas palavras de Jesus, vertidas também no Evangelho de S. João, “Conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á” (João 8:32). ■

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

Apoio Financeiro: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

Proveniência e Revisão por Pares: Solicitado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without external peer review.